

# CRÔNICAS DE FIM DE VIAGEM: UM DIÁRIO MÍNIMO PARA OLIVIER TONI

## *CHRONICLES OF THE END OF A TRIP: A MINIMUM DIARY FOR OLIVIER TONI*

Lucas Eduardo da Silva Galon  
Universidade de São Paulo  
lucasgalon@gmail.com

### Resumo

Nesta crônica, Lucas Galon traz algumas reflexões e impressões sobre uma das últimas vindas de Olivier Toni ao Departamento de Música de Ribeirão Preto como professor, já octogenário, em que se evidenciam o caráter metafórico de seu discurso, o confronto de gerações, seu espírito crítico, sua ironia e sua modernidade peculiar.

**Palavras-chave:** Família Toni; Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo; Orquestra Sinfônica da USP; Orquestra de Câmara da USP.

### Abstract

In this chronicle, Lucas Galon presents some reflections and impressions about one of the last times Olivier Toni came to the Music Department of Ribeirão Preto as a professor, already an octogenarian, in which the metaphysical aspect of his speech is evidenced, as well as the conflict of generations, his critical spirit, irony, and peculiar modernity.

**Keywords:** Toni family; Orquestra Sinfônica Jovem Municipal de São Paulo; Orquestra Sinfônica da USP; Orquestra de Câmara da USP.

*Queimar libros y erigir fortificaciones es tarea común de los príncipes*

J. L. Borges<sup>1</sup>

*And nothing 'gainst Time's scythe can make defence  
Save breed, to brave him when he takes thee hence*

*W. Shakespeare, Soneto XII*

## Lista de figuras

Figura 1: Pintura de Olivier Toni ainda hoje nos anexos da Sala de Concertos da Tulha, na USP de Ribeirão Preto.

Figura 2: Pintura de Olivier Toni ainda hoje nos anexos da Sala de Concertos da Tulha, na USP de Ribeirão Preto.

Acredito que fui um dos últimos alunos do Toni. Pelo menos um dos últimos alunos compositores. Não no sentido que se tornou corrente nas academias brasileiras, onde os professores compositores tinham mais do que alunos, mas alguns discípulos, rostos para eles bem definidos em meio a massa de rostos baços. Eu apenas estava lá, jovem aprendiz cursando o último semestre em que Olivier Toni ministrou em sua vida uma disciplina comum, numa sala comum na USP, o que, caso fosse na ECA da capital, seria apenas a repetição de algo que ele fez durante boa parte de sua longa existência. Mas era numa sala em Ribeirão Preto, e ele já não dava aulas em curso regular há uns bons anos, desde que se aposentara. E eu, como o único compositor de minha sala, me tornei relativamente mais próximo daquele professor ancião do que a grande parte dos outros alunos. Aprendi coisas essenciais com ele, em especial quando estávamos nos corredores da faculdade, em almoços, jantares, ou nos congressos e concertos em que ele esteve presente para trazer prestígio ao Departamento de Música de Ribeirão Preto da ECA-USP em seus anos iniciais. Aliás, fui talvez o último de seus alunos compositores num sentido muito especial: o de observador quase passivo da crepuscular atuação de um grande nome, com quem me atrevia em conversas sobre música e filosofia, e que era sempre atendido com aquela ambiguidade dele característica. Porém sempre atendido. Daquele professor octogenário, convidado para ajudar a consolidar o recém-nascido curso de música, aprendi importantes lições,

---

<sup>1</sup> Em "La muralla y los libros", artigo de 22 de outubro de 1950 publicado no diário *La Nación*.

malgrado ter havido, a bem da verdade, aulas não mais que quinzenais naquele semestre de 2003. Aprendi lições de harmonia e estruturação (disciplina em questão), mas o evidente desinteresse do professor em ministrá-las logrou sucesso em outras instâncias: as aulas do Toni eram verdadeiros jorros metafóricos de ideias muitos gerais sobre a música, sua história, sua relação com o mundo e com o pensamento; enfim, tratava-se claramente da filosofia tardia do próprio Toni. Também apreendi nas aulas algo que só foi possível perceber porque eu já era um pouco mais velho do que a maioria dos alunos na graduação. O que percebi claramente foi o confronto entre gerações; o *Zeitgeist* acelerado da modernidade da minha geração, que não permitiria a ossificação das relações no mundo antes de tudo se liquefazer, era incompatível com a retórica dos herdeiros do *Übermensch*, contundentes, assertivos, rígidos em sua vontade de desconstruir. De fato, o professor Toni, apesar de seus arroubos de acusações às estripulias do modernismo e da música moderna, era essencialmente “moderno”; ou pelo menos posso dizer que muitas de suas atitudes eram produtos inconscientes do espírito modernista. Nesse sentido era óbvio para mim que frequentemente a linguagem de Toni não provocava nenhuma interlocução entre os alunos, não fazia eco, não despertava reflexão, não fazia sentido e os irritava. Esse fato incomodava a mim e a outros poucos. Aquele misto de metáfora, ironia (muitas vezes sarcasmo), *insights* muito profundos e provocações agudas deixavam frequentemente o “dito pelo não dito”. Suas sentenças aparentemente inconclusas mostravam que, se Toni não se prestava a dizer o óbvio, também era erguida, contra a sua vontade, barreiras intransponíveis para que os alunos pudessem apreender algo nas aulas. Em suma, seu discurso possuía justamente essas qualidades que o faziam aterrissar como um coquetel-molotov na sensibilidade neo-cristã e excessivamente singela dos neófitos aspirantes a alguma coisa daquela época.

Para mim, ficava evidente que Toni era de um tempo onde a acidez, a ironia e a provocação eram coisas a serem cultivadas – e não desprezadas – como ferramentas para apreensão do pensamento complexo. Algumas daquelas aulas soariam hoje ainda mais deslocadas e contundentes. Eu mesmo, um admirador confesso do professor antes mesmo de ter aulas com ele, às vezes me chocava com sua crítica mordaz à moral cristã e aos valores tradicionais, valores que, paradoxalmente, ele parecia cultivar em sua vida pessoal; algo muito natural devido à minha formação protestante. Esse encontro com o já ancião professor me rendeu poucas, mas

boas memórias, e me ajudaram em muitos sentidos. É difícil esquecer certos casos curiosos ocorridos naquele tempo. Se muitos conheceram Olivier Toni em seu auge – articulando orquestras, faculdades de música e festivais – poucos sabem da sua atividade em seu último ano como professor da USP em Ribeirão Preto. Um rápido panorama das minhas impressões já deixou, creio eu, certas pistas. No entanto pretendo relatar alguns casos mais específicos, minicrônicas de costumes, que, quando verbalizadas por mim a alguns de seus alunos e conhecidos mais antigos, provocaram reações que me estimularam a escrever este relato: risadas de contentamento dos que com ele mantiveram relações cordiais até o fim; certo ar de reprovação daqueles que guardaram algum agravo do passado. Mas em ambos os casos sempre reparei um ar de surpresa em meus ouvintes. Menos por serem surpreendidos por uma faceta desconhecida e mais por descobrirem que o velho Toni continuou agindo como o velho Toni.

## **Duas notáveis lições de composição**

Após a primeira audição para testes da recém-fundada USP-Filarmônica, em 2012, fomos todos – membros da banca e ex-alunos – jantar em um restaurante em Ribeirão. Estávamos intrusos à mesa eu e o Camilo Calandrelli, também ex-aluno e barítono de minha turma, que havia se tornado muito próximo do professor Toni. Os restantes eram os membros da banca da audição: o violinista e regente Cláudio Cruz, o professor e regente titular Rubens Ricciardi, a professora Silvia Berg e o compositor José Gustavo Julião de Camargo. Toni também estava lá e importunou insuportavelmente os notáveis durante as duas horas em que jantamos lá, para deleite meu e do Camilo: há algo de perverso que nos obriga ao deleite quando testemunhamos notáveis expostos por alguém ainda mais notável. Toni inventou lendas sobre cada um deles, contadas de forma tão séria e contundente que por vezes os próprios presentes tentavam preocupados recordar o que não havia de fato acontecido consigo mesmos. Eu ria constrangido, mas satisfeito. Foi quando abri uma partitura que, sabe-se lá por que, o Camilo havia levado ao Toni. Uma sinfonia de Chostacovich. Toni olha para mim e diz: “você quer aprender uma coisa importante?”. Abriu lá no meio do calhamaço um trecho e disse: “olhe aí. O que é importante?”. Eu olho e vejo um enorme uníssono orquestral, poderoso, com todas as vozes da orquestra fazendo a mesma melodia e digo: “tem aqui um grande uníssono orquestral”, e ele devolve com seu paulistano

sotaque de erre rolado antigo: “errou...”, e apontando o dedo para uma dentre miríades de pautas e notas pretas me mostra, escondida, mas muito escondida, apenas a linha das violas, pobres violas, sutilmente diferente de todo o resto apenas em termos de altura, mas com o mesmo desenho rítmico. “Entendeu?”, e eu: “contrastaste? Sombra timbrística?”. E ele: “mais que isso. Isto é um tapete persa! Pense num tapete persa, aquela beleza e perfeição toda. Parte desta perfeição tem a ver com aquele fiozinho que se solta...”

Outra lição de composição: Toni, naqueles dias, tinha alguns motes. Um deles era dizer que, desde J. S. Bach – em especial com relação a algum de seus motetos – tudo que os compositores ocidentais fizeram foi se repetir naquilo que já estava exaurido, o sistema tonal, e que a prática do serialismo dodecafônico não era nada mais do que a prática pelos compositores de “roer o lacre” do recipiente hermeticamente fechado do sistema temperado-tonal. Toni falava assim, sem meias medidas, enaltecendo certos pressupostos da tradição oriental em detrimento da ocidental, tanto musical quanto de outras artes. “Vejam uma gravura japonesa. É preciso aprender a compor com poucas notas, como eles pintavam com poucas cores”.



Figura 1: Pintura de Olivier Toni ainda hoje nos anexos da Sala de Concertos da Tulha, na USP de Ribeirão Preto.

Hoje, graças ao primoroso registro em CD dirigido por Cláudio Cruz para o Selo Sesc, é possível ouvir e ler um pouco dessas lições-pílula de Olivier Toni. Tive o privilégio de ouvi-lo falar sobre certas obras enquanto ele ainda as compunha. Várias de suas peças dos últimos 10 ou 15 anos radicalizam a premissa da composição com poucas notas, curiosamente com nenhum parentesco com o minimalismo. Também me lembro muito bem quando explicou para toda a classe aspectos sobre uma música com a qual ele vinha tendo uma especial relação, “É só isso e nada mais”, baseada no poema “O corvo” de Poe. A explicação sobre o formato de um corvo desenhado com notas sobre a pauta, que fornecia a coleção de notas na qual a música se baseava, se tornou num dos raros momentos sensibilizantes, tendo provocado real curiosidade nos alunos. O que me chamava a atenção na música não era isso, no entanto. Era o solo de contrabaixo em contraponto com o canto solista, que cantava o texto do poema de Poe. Segundo Toni, a harmonia enquanto parâmetro da música havia se “esgotado”, de modo que no início da obra ele procurava evocar uma analogia com esse “vácuo” entre a voz extremamente aguda e a voz extremamente grave, sem o recheio harmônico no meio.

Certamente essas ideias me influenciam até hoje. Sempre achei o professor Toni subestimado como compositor. Da minha parte, gosto de várias de suas obras, em especial por essa combinação entre uma sólida doutrina artesanal e um pensamento filosófico inerente que sempre procura respostas transcendentais. Muitos dos seus alunos ainda perseguem esse equilíbrio entre estética e poética. Não é fácil consegui-lo mesmo. Admiro em especial uma obra daquela época, quando seu contato com Ribeirão Preto era agudo: o *Ricercare* para violoncelo e orquestra de cordas. De vez em quando eu, cujo contato com o professor Toni foi tão rarefeito, ainda me lembro de alguma lição importante.

## **Conselhos polêmicos e uma pergunta sem resposta**

Outro dos motes de Toni consistia em finalizar a fala sobre “roer o laço” sentando-se ao piano e tocando arquétipos musicais históricos que de alguma forma levaram ou foram resultado do colapso do sistema tonal. Ele atacava as teclas do piano tocando o famoso conglomerado

de notas da primeira *danse* da *Sagração* entremeados por elementos de *Turandot*. Ele tocava com tanta força aquele instrumento precário que, não raro, uma das minhas colegas, pianista de jazz, saía da sala irritada, com seu *feeling* musical perturbado pela aspereza do exemplo tocado. Às vezes ela era seguida por outros. Às vezes ele assustava os alunos ao bater com força as gavetas da mesa dizendo: “eles roem o lacre, e para se livrar fazem esse tipo de música”, e continuava com aquele baita ruído, aludindo aos experimentalismos da vanguarda musical.



Figura 2: Pintura de Olivier Toni ainda hoje nos anexos da Sala de Concertos da Tulha, na USP de Ribeirão Preto.

Mas houve momentos ternos: tocando o tema principal da abertura *Romeu e Julieta* de Tchaikovsky, ele deleitou a plateia de alunos mostrando na melodia os significados da vida e da morte. Falando da 5ª de Beethoven, ele deu uma longa explanação sobre a *fermata* sobre o ré no conseqüente da apresentação do tema inicial. Mas se essas foram duas lições sobre composição que poderiam ter entrado na seção interior, as usei aqui para introduzi-los no primeiro de seus conselhos

polêmicos, cujo ponto de intersecção é justamente o bendito piano onde Toni deleitava e perturbava os alunos. E esse conselho surgiu quando algum dos mais jovens perguntou – ainda sobre “roer o lacré”: “professor, mas é o piano, o instrumento? Não nasceu então condenado?”, e ele: “é por isso que eu já dei um conselho para o chefe do departamento, meu aluno que não me obedece nunca: queime, queime todos estes pianos. Sobretudo porque são belas porcarias, e servirão melhor às festas de São João! Vocês não estão no interior de São Paulo? Vamos queimar todos eles numa fogueira de São João!”. A classe estupefata dá risadas tímidas, mas Toni continua a aula sério e ninguém sabe como reagir. Aliás, o segundo conselho polêmico tem algo em comum com o primeiro: a ideia de queimar alguma coisa. No caso, o segundo conselho foi diretamente para mim. Na ocasião eu ajudava na organização de um arquivo com uma série de manuscritos doados ao departamento, com vários compositores de Ribeirão Preto e região, nunca editados, nunca estudados. A maioria das peças eram dobrados, marchas, enfim, música de coreto, música de salão, uma ou outra peça religiosa mais elaborada. No entanto, tentávamos encontrar algo que pudesse ser considerado de valor como música de concerto ou algo assim. Professor Toni passa e pergunta: “o que são essas partituras?”. e Outros alunos envolvidos no trabalho e eu respondemos: “são manuscritos de compositores de Ribeirão Preto que queremos organizar em um arquivo decente para estudo posterior”. Toni comenta, seco: “bobagem! Já olhei isto aí... já falei para o professor de vocês que isso não vale um centavo. Façam uma grande fogueira com essas partituras. Queimem tudo e livrem-se da tentação de procurar alguma coisa que valha nesta montanha aí!”.

Esses dois conselhos incendiários levam-me ao que me referi anteriormente como “pergunta sem resposta”. Pois bem, novamente meu gancho é um desses pianos que deveriam ser queimados – e alguns realmente estavam em estado bem ruim – onde estávamos em uns cinco ou seis alunos estudando algum coral de J. S. Bach para a aula de percepção – sim, éramos obrigados a apresentar corais de Bach nas aulas de percepção, em grupos, ocasião em que um professor alterava ali mesmo algumas notas de forma aleatória de modo que tínhamos que repetir o coral com as várias alterações anotadas na partitura. Nessa ocasião ensaiávamos e, enquanto líamos o tal coral acompanhados pelo piano condenado à fogueira, cedo de manhã, Toni nos interrompe

abrindo a porta com força e dispara: “você sabem que já inventaram o sistema temperado?”. Silêncio. Ao falar isso de forma tão séria (e até hoje acho que era mesmo) os alunos atônitos não riram. Apenas se encolheram um pouco. Alguns por não entenderem a piada e outros por raiva por serem chamados de desafinados. Toni, já se preparando para prosseguir com a fala, se assustou com a não reação dos alunos e recuou nas suas intenções. Percebendo que a sensibilidade caíra nem sempre absorve bem a ironia, entrou e procurou nos dar dicas e nos ensaiar naqueles corais. Alguns aceitaram bem. Outros ficaram reticentes. Eu, nervoso por ter sido alvo do sarro, pensava: e não é que essa é uma excelente piada? E ria por dentro.

Toni deixou ao seu principal pupilo uma mensagem. Na partitura manuscrita de um *Miserere* de Manuel Dias de Oliveira, objeto de interesse de Toni, escrito a caneta, escreveu algo como (se bem me recordo): “Rubens, você sabe quando executar esta peça. Toque como eu a transcrevi, não invente nada!”. No velório de Toni eu estava com Rubens, que tentou sobremaneira cumprir a missão. Mas infelizmente, pela dificuldade de adequação do local e algum constrangimento familiar pelo caráter religioso da peça, não houve ocasião de realizá-la. No entanto, observei muito as reações e as falas de muito do que de melhor há em músicos, artistas, intelectuais e acadêmicos ali presentes, quase todos alunos e tributários do legado de Toni. Vi claramente que a prole ainda o ostenta mesmo depois de abatido. E o *Miserere* ainda espera ocasião de ser executado.

## Sobre o autor

Lucas Eduardo da Silva Galon é compositor, regente e multi-instrumentista, mestre e doutor em Filosofia da Música, e graduado em Música, sempre pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (USP). Apresenta ampla atividade artística e acadêmica: é docente da Universidade de Ribeirão Preto (Unaerp), coordenador artístico e pedagógico da Academia Livre de Música e Artes (Alma), diretor artístico da Escola de Música da Instituição Aparecido

Savegnago é coordenador geral do Projeto Música-Criança (USP). Como compositor e pesquisador teve suas óperas, obras sinfônicas e de câmara apresentadas no Brasil, Estados Unidos, Itália, Suíça e Portugal. É diretor artístico do Festival Música Nova “Gilberto Mendes” desde 2017 e um dos coordenadores artísticos do Festival Fiato al Brasile na Emilia Romagna (Itália). Como intérprete, trabalhou como violista na Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, Brasil Matuto Ensemble, Vocályse Sexteto e ZêLuZa Trio. Como maestro atuou em importantes orquestras e corais, como a Orquestra Sinfônica de Ribeirão Preto, a Orquestra Filarmônica da USP, o Coral Experimental da Unaerp e Orquestra Acadêmica Jovem do Alma. Conquistou o Prêmio Olivier Toni de composição em 2017. Em 2018, atuou como compositor e professor convidado na Miami University na cidade de Oxford, EUA, onde ocorreram duas estreias mundiais de suas obras.

Recebido em: 17/08/2017

Aprovado em: 07/03/2018